

# EROS E PSIQUÊ OU DOS CAMINHOS NAVEGÁVEIS

Orlando Luiz de Araújo \*

## Resumo

*Analisando a versão literária do mito de Eros e Psiquê, do autor latino Apuleio, no livro Lúcio, Metamorfoses ou o Asno de Ouro, navegamos à procura da herança cultural grega no poema de Fernando Pessoa, no que diz respeito às travessias e buscas que o homem deve fazer para humanizar-se no mundo.*

**Palavras-chave:** mito; eros; psiquê; homem; estrada.

## Abstract

*Analysing the literary version of the Eros and Psyche myth by the latin author Apuleius, in his book Lucius, metamorphoses or the golden ass, we travel in search of the greek heritage in the poem by Fernando Pessoa concerning the crosses and searches which a man has to go through to become humanized in the world.*

**Key words:** myth; eros; psyche; man; way.

A única versão literária do mito de Eros e Psiquê é a do escritor Apuleio no livro *Lúcio, Metamorfoses ou o Asno de Ouro*. Entretanto, a tradição legou-nos, através dos tempos, várias narrativas que conservaram a essência arquetipal do mito - como é o caso do poema *Eros e Psiquê* de Fernando Pessoa, os folhetos de cordel *o Príncipe Formoso* e *A Princesa do Barro Branco ou o Reino do Vai Não Torna*, cantados nas feiras-livres, no interior do Nordeste brasileiro.

Apoiar-nos-emos no livro de Apuleio para analisar o mito de *Eros e Psiquê*, todavia, a nossa análise deter-se-á,

também, em outros autores que trataram do tema. Assim, nosso ponto de partida é o Caos hesiódico, o percurso é a evidência que “a estrada existe” e a chegada é o que fica em aberto, apenas com a certeza de que se deve continuar percorrendo caminhos navegáveis. Hesíodo nos diz na sua Teogonia.

*“Caos nasceu antes de todas as coisas,  
mas depois Terra de largo peito, de todos  
base sempre segura, dos mortais e dos imortais  
que têm o ápice do Olimpo coberto de neve,  
[também o escuro Tártaro na profundidade  
da terra e largo caminho] e  
Eros, que é o mais belo entre os imortais,  
Alijador de membros, de todos:  
Deuses e homens, domina, no coração,  
A inteligência e a prudente vontade.”  
(Hesíodo, Teogonia: vv. 116-122)<sup>1</sup>*

Hesíodo, no discurso cosmológico de criação do mundo, reconhece, originalmente, quatro entes, nesta ordem: Caos, Terra, Tártaro e Eros. Do vazio ao preenchimento, ou seja, do Caos ao Eros. É assim a compreensão do autor da Teogonia, que não hesita em responsabilizar Eros pela criação efetiva de todos os outros seres vindos depois dele.

O Caos, para o grego dos séculos V e VI<sup>a</sup>C., consoante nos alerta Conford, é um “abismo hiante”<sup>2</sup>, podendo ser descrito como “vazio” ou como ocupado pelo “ar”, não tendo, pois, a concepção moderna que significa “desordem primitiva na qual todas as coisas estavam juntas”<sup>3</sup>. Caos, que reivindica para si uma ascendência, é o princípio de cisão - criador de uma nova ordem. Caos, portanto, gera sem a participação do outro - ele gera por cissiparidade<sup>4</sup>. Eros, ao con-

\* Professor de Grego do Depto. de Letras Estrangeiras da UFC.

<sup>1</sup> Tradução nossa.

<sup>2</sup> Boisacq, Dict. Etym. Relaciona as palavras  $\chi\alpha\omicron\varsigma$ ,  $\chi\alpha\zeta\omega$ ,  $\chi\alpha\iota\nu\omega$ ,  $\chi\omega\rho\iota\varsigma$ ,  $\chi\omega\rho\alpha$ , todas elas com uma raiz que significa “abertura” ou “separação”.

<sup>3</sup> Ver CONFORD. PRINCIPIUM SAPIENTIAE: As origens do pensamento filosófico grego. s/d da 3<sup>a</sup>. Edição, o livro é de 1952.

<sup>4</sup> Ver TORRANO. A Quádrupla Origem da Totalidade, in.: TEOGONIA: A origem dos deuses \*Tradução de JAA Torrano); 1992.

trário, gera pela união de dois elementos - o masculino e o feminino - embora nada produza de si próprio; por causa da sua esterilidade, ele participa da energia cósmica imbuída da criação e preservação do mundo.

Mundo que precisa ser preservado é mundo criado. Dois mundos estão criados: o divino e o humano. Nas origens, Caos e Eros; no presente, o homem existindo; no futuro, o devir. Destarte, passado/presente/futuro se reúnem num só tempo para apontar, no horizonte, a estrada que o homem deve seguir, de tal sorte que não se perca no instante possível. Isto é, as experiências do passado abrem as vias para que o homem não se perca na urgência do presente nem na emergência do futuro.

Contrapondo-se ao passado, ao presente e ao futuro a divindade, o mundo e o homem, estabelecemos, desse modo, um correspondente para cada elemento; temos, pois, a certeza do passado como a onisciência divina que tudo sabe - vê a eternidade que ficou para trás; o presente como a possibilidade de viver melhor n(o) mundo, porque tem o prévio conhecimento do passado e, finalmente, as incertezas e angústias do homem por desconhecer o futuro - o passado, o presente e o futuro formarão a tríade Deus/Mundo/Homem<sup>5</sup>.

Deus é o (pro)jeto(r), o que lança para os que passam no mundo, o que conhece tudo: passado que é Ele mesmo, presente que é mundo e futuro que é homem. Por conseguinte, o homem é o ser que caminha, sempre atrelado à mão do Deus, pelas vias que lhe são possíveis, cada passo disforme, cada obstáculo encontrado nas estradas do mundo, a divindade o auxilia.

Aonde vai o homem e onde procura chegar? Se se é ajudado pela divindade, que é da sua “força de potência” e da sua nobreza de caráter que lhe permitem construir seu próprio caminho? Se assim se interroga, envergonhar-se-á de agir como cego, revoltar-se-á por não ter podido escolher os caminhos ou as veredas que quisera trafegar, as montanhas que intentara vislumbrar, os rios que desejara atravessar. Mas o que fazer? Platão, no Fédon (85 c - d), chama a atenção para os riscos que se deve correr ao “fazer a travessia da vida”; diz ainda que é a instrução, o saber moderado ou a “revelação divina” o que indicará a direção do melhor caminho.

À procura de uma “revelação”, muitos heróis trilham vias, desceram do alto, subiram das profundezas da terra para, num grito de dor e liberdade, poder viver o resto de suas vidas na tranquilidade de suas casas; inúmeros fizeram seus percursos, dentre eles, destacam-se Psiquê e Édipo. Este, num trívio, teve que decidir qual caminho escolher, percorreu o que o levou à mansão da fortuna e do infortúnio da miséria humana; aquela sofreu as desgraças da sua meia condição humana por não ter sabido esperar, mas sofreu para que pudesse reencontrar a alegria que perdera.

Para compreendermos melhor a trajetória de Psiquê, narraremos sua história. “In illo tempore”, havia um rei e uma rainha. Viviam felizes ao lado de suas três filhas: duas princesas já desposadas e Psiquê - a mais bela de todas que até então não conhecera o amor matrimonial, era quase uma deusa. Sabendo da beleza extraordinária da moça, os habitantes do reino trataram logo de render-lhe homenagens, cultuando-a como a nova “deusa do amor”, esquecendo os templos da legítima deusa do amor - a deusa Afrodite. Esta, ferida pelo ciúme, exige do filho a reparação da falta humana. Psiquê, todavia, não estava feliz com os tributos que a população lhe oferecia e lamentava sua solidão. Mas se no presente sua dor é demasiada, no futuro maiores dores lhe são reservadas. Um oráculo previra que se casaria com um monstro terrível. Não lhe restando esperanças, Psiquê vai ao encontro do inexorável drama da sua existência.

Lançando-se do alto, cai num castelo encantado. Ouvindo apenas vozes de “corpos invisíveis”, passa seu dia para que, à noite, receba em seu leito o obscuro amante. O tempo passa, Psiquê, sozinha, inquieta-se vendo passar os dias. Com saudade dos pais, pede ao desconhecido que a deixe rever a família; concedido o pedido, apenas é alertada sobre as devoradoras irmãs que nas palavras do príncipe “armam insídias nefandas”, cujo objetivo principal era o de que lhe examinasse o semblante, sobre o qual, tantas vezes, ele já alertara, se uma vez o visse, “nunca mais” o veria.

Psiquê retorna à casa paterna. Ao deixá-la, convencida pelas irmãs, traz consigo um candeeiro que é acendido, certa noite, a fim de desvendar o segredo daquele que permanecia invisível. Porém, a profecia se concretiza. Aproximando-se do leito no qual o obscuro-príncipe dormia, entretanto, em sua mente conturbada se esboçava um monstro, Psiquê se surpreende quando, em vez de um temível monstro, resplandece a imagem serena do mais “belo deus adormecido”. Ao pé do leito, as armas, Psiquê, levada pela curiosidade, ao tocá-las, fere-se nas setas do “poderoso deus”, inflamando-se de amor por Eros.

Extasiada pela beleza do deus, perde-se, deixando uma gota de azeite cair-lhe no ombro, despertando-o e, nesse mesmo momento, ferido, desaparece.. Inicia-se, aqui, o drama de Psiquê que peregrinará pelos confins do mundo, dia e noite, em busca daquele que lhe fora arrebatado pela curiosidade. Procura as deusas Deméter e Hera que nada lhe podem valer e cai na tirania da deusa Afrodite, que já a procurava para vingar-se da afronta sofrida e do insucesso do seu plano. Afrodite impõe, à pobre coitada, tarefas impossíveis de serem executadas por uma mortal: “separar sementes de várias espécies”, “trazer lã dos carneiros do sol”, “buscar numa urna água estígia” e por fim, “descer ao Hades” para trazer-lhe um pouco da formosura da rainha Perséfone.

<sup>5</sup> Ver SOUSA. O Triângulo Simbólico e Complementar, in.: História e Mito -MITOLOGIA 2. 1988.

Flechada por Amor, Psiquê realiza, uma a uma, todas as tarefas que lhe foram impostas. Mas na última delas, tocada pela vaidade, abre o cofre que continha da beleza da rainha dos Infernos e, de pronto, cai num sono profundo. Eros, que já estava tocado de amor por ela, salva-a, conduzindo-a à morada divina.

Na narrativa mítica, o encontro de Eros e Psiquê é marcado por uma falta, uma desmedida (υβρις) - Psiquê (Ψυχη), que é “respiração de vida, princípio vital, alma, anima”<sup>6</sup>, é a mais bela das mortais, por isto deve expiar sua culpa. O ciúme da deusa Afrodite une-a a Eros (Ερος) - “o desejo incoercível dos sentidos”, o animus<sup>7</sup>. A união de Eros e Psiquê dá-se com muita dor, Psiquê passa por provações para que possa atingir sua individualidade e amar o contrário de si, o amor sensual. Enquanto alma, Psiquê não vivencia o (i)mundo dos mortais, somente depois de ter sido tocada pelo amor de Eros, participa do universo do homem; mas, contraditoriamente, no momento em que se torna “humana, demasiada humana”, ela é sacralizada imortal, subindo ao Olimpo.

Psiquê, percorrendo as trilhas que lhe foram impostas, reencontra o que perdera; Eros, ferido, em potência, aguarda o momento do reencontro. Encontro - Desencontro e Reencontro são os pilares da narrativa mítica de Eros e Psiquê; da construção que precede uma desconstrução se faz o crescimento de Psiquê que saíra da ignorância das trevas para o conhecimento da luz, ou numa metáfora, descera do sótão para que algo lhe fosse revelado no porão da casa. Mas não podemos esquecer da atuação de Eros, que não mais é o Eros primordial e sim o do “amor sensual”. Eros e Psiquê formam, neste momento, a união dos contrários, onde sujeito e objeto se unem e se fundem numa perspectiva simétrica, de modo a não se ter a dicotomia corpo-alma, mas uma expansão e uma fusão do Eu com o Mundo, isto é, a Totalidade. Nesse ponto, a história de Psiquê narrada por Apuleio e o poema *Eros e Psiquê*<sup>8</sup> do poeta português Fernando Pessoa se encontram.

No seu poema, Fernando Pessoa nos diz da necessidade de atravessar a via possível e as veredas impossíveis para que o Ser possa existir na sua plenitude. Como no mito contado por Apuleio, Pessoa inicia o poema narrando uma lenda que não se sabe onde acontecera, sabe-se apenas que “a lenda conta que dormia uma princesa encantada”, uma princesa que não acordara para a condição existencial do mundo vivido;

somente o outro, o diferente dela, o que virá “de além do muro da estrada” é o que será capaz de acordá-la.

Sabe-se que o percurso não é fácil. É preciso “vencer o mal e o bem”, muitas vezes, usar o bom senso e a prudência para deixar o “caminho errado” e seguir pelo que nos proporcionará uma ataraxia, embora tantas vezes, ande-se “sem saber que intuito tem”, cumprindo o Destino que é de cada um. Fernando Pessoa nos diz ainda que o mais importante é o caminhar, o buscar “ela dormindo encantada” e “ele buscando-a sem tino”; pois o mistério é a estrada, o caminho que se forma diante dos seres, as estradas bifurcadas, os altos muros que impedem a visão do andarilho, mas a resolução é chegar “onde em sono ela mora”, é vencer a “estrada e muro” e saber porque viu, vivenciou, procurou, “que ele mesmo era a Princesa que dormia”.

Descobrir-se uno, impediria a marcha? Diferentemente do relato mítico tradicional, no poema de Pessoa há uma princesa adormecida e um príncipe que a despertará. Príncipe e Princesa d(s)ão a dimensão do caminho, o incentivo da busca em desbravar caminhos “nunca dantes navegados” para que a existência tenha um sentido. De chofre, diríamos que a Princesa adormecida está inerte, à espera de um Príncipe encantado que “viria de além do muro da estrada”, todavia, arriscaríamos dizer que há uma espera ativamente desejada. Isto se revela no sonho, pois “a princesa adormecida, se espera, dormindo espera “e mais além, “sonha em morte a sua vida”- o mínimo para o ser é o sonho, em lhe tirando acabam-se as fantasias, os desejos e o impulso para a luta diária do renascer, do estar pronto para o combate na arena do mundo.

A versão mítica de Eros e Psiquê de Apuleio e o poema de Fernando Pessoa se diferenciam na forma, mas a essência permanece. No escritor latino, Psiquê sabe da existência da grande travessia que terá de percorrer, no poeta português, o Infante tenta romper o ‘caminho fadado’, desta forma, chega-se a concluir que para o homem só existem as alamedas e uma grande travessia a fazer. Não sabendo quais seguir, vai pelas que escolheu, porém, decidindo por uma, elimina, involuntariamente, as demais. Mas qual trilha seguir? A correta. É sempre esta que se procura, se se acerta ou não, só o que está por vir dirá, porque como diz a canção “...nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá...”, cabe-lhe tão somente, os rastros do caminhar.

O poema de Fernando Pessoa parece reunir todo o sentido da vida: a procura milenar para o preenchimento de

<sup>6</sup> Ver PETERS. TERMOS FILOSÓFICOS GREGOS - Um léxico histórico. s/d da 2ª. ed., o livro é de 1967

<sup>7</sup> Ver BRANDÃO. Mitologia Grega. Vol. II, p.209.

<sup>8</sup> Conta a lenda que dormia/uma princesa encantada/a quem só despertaria/um Infante, que viria/de além do muro da estrada. Ele tinha que, tentado,/vencer o mal e o bem,/antes que, já libertado, deixasse o caminho errado/por o que à Princesa vem. A princesa adormecida, se espera, dormindo espera/sonha em morte a sua vida/orna-lhe a frente esquecida/verde uma grinalda de hera. Longe o Infante, esforçado,/sem saber que intuito tem,/rompe o caminho fadado./Ele dela é ignorado./Ela para ele é ninguém./Mas cada um cumpre o Destino -/Ela dormindo encantada,/ele buscando-a sem tino/pelo processo divino que faz existir a estrada./ E se bem que seja obscuro/tudo pela estrada fora e falso ele vem seguro/e, vencendo estrada e muro,/chega onde em sono ela mora./ Inda tonto do que houvera/a cabeça em maresia/ergue a mão e encontra hera/e vê que ele mesmo era/a princesa que dormia. Para este poema ver PESSOA. Obra Poética. p. 115.

uma falta reunida à certeza de que a estrada existe para a realização de uma ataraxia, portanto, a síntese final das dicotomias humanas, mas síntese que gera tese, dando ao homem o amadurecimento para uma nova aporia, um novo começo, uma nova síntese - esta é a procura para consertar uma imperfeição que é do homem.

Logo no início do poema, o poeta nos dá a indicação de um tempo fora do próprio tempo e do espaço; a lenda que se conta não se sabe quem a conta, apenas que ela existe. A princesa adormecida pode ser qualquer uma que ainda não despertou para o sentido da caminhada.

O Infante, à sua frente, já acordou para a grande travessia a ser feita e busca a princesa encantada, apesar das incertezas, dos monstros que poderá encontrar no passeio pelas ruas do mundo.

A Princesa dormindo encantada, o Infante procurando-a incessantemente. Nesses caminhos, o momento do encontro: ele “vê que ele mesmo era a princesa que dormia”. Ela, seu contrário, porém, na diferença, a unidade. A unidade que reúne o que se exclui, estreitando os laços da lonjura e ampliando os do amor e da amizade.

E para finalizar, lembramos Heráclito com o seu fragmento 08: “O contrário em tensão é convergente; da divergência dos contrários, a mais bela harmonia”<sup>9</sup>, parecendo-nos assim ser a discórdia o elemento que unifica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANAXIMANDRO, Parmênides, Heráclito. (1991). *Os pensadores originários*. (Trad. Emanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrusblewski). Petrópolis: Vozes.
- APULEIO. (1963). *O asno de ouro*. (Trad. Ruth Guimarães). São Paulo: Cultrix.
- BRANDÃO, Junito de Souza. (1992). *Mitologia grega-vol. II*. Petrópolis: Vozes.
- CORNFORD, F.M. *PRINCIPIUM SAPIENTIAE*. (s/d). *As origens do pensamento filosófico grego*. (Trad. Maria Manuela Rocheta dos Santos). Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- HESÍODO. (1992). *Teogonia - A origem dos deuses*. (Trad. JAA Torrano). São Paulo: Iluminuras.
- PESSOA, Fernando. (1986). *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S/A.
- PETERS, F.E. (s/d). *Termos filosóficos gregos - um léxico histórico*. (Trad. Beatriz Rodrigues Barbosa). Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- SOUSA, Eudoro de. (1988). *História e mito - Mitologia 2*. Brasília: EDUnB.

<sup>9</sup> Heráclito, frag. 08: το αντιξουν συμφερον και εκ των διαφεροντων καλλιστην αρμονιαν. In.: *Os pensadores originários*. (Tradução de Emanuel Carneiro Leão), p. 60.